

Os temporões

O projeto anunciado pelo diretor do Departamento de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação Média e Tecnológica não foi o melhor começo para o Ministério que se propusera fazer de 1996, pela palavra de seu titular Paulo Renato Souza, o ano da educação.

Se o Departamento de Desenvolvimento Educacional busca efetivamente uma revolução no chamado ensino médio, deveria começar abrindo discussão sobre essa denominação infeliz, que sugere uma fase do processo educacional sem pedagogia própria. E só então partir para sua reestruturação. Entende-se o que significa ensino fundamental e sua adequação com a primeira socialização do futuro cidadão. Mas o que é mesmo o ensino médio?

Antigamente, sabia-se quais eram seus propósitos: equipar a mente e a vontade do aluno para o ingresso nas responsabilidades da vida adulta. Por isso, seu currículo era bastante abrangente. Buscava-se uma formação versátil mas não superficial. Com a pressão para moldá-lo às exigências da universidade, veio sua primeira desestruturação, quando

nasceram o clássico e o científico.

Agora, o projeto do MEC tende a aprofundar a desestruturação, dilacerando o Segundo Grau, a partir do segundo ano, em nada menos que cinco módulos. A intenção declarada pode ter sido quebrar a subordinação do Segundo Grau ao vestibular. Perfeito, se o resultado mais do que provável não fosse fazer do aluno do Segundo

Grâu um universitário temporão — muito mais uma instrumentalização do Segundo Grau, de resto, que sua reestruturação.

Mesmo mantendo-se em todos os módulos as disciplinas básicas do Segundo Grau, fica insinuada uma convicção desastrosa pedagogicamente: a de que para o aluno com aptidões para as artes é perda de tempo a matemática; para o aluno com gosto pelas ciências exatas é de sobremesa a história

e — como não? — o português. E tudo isso quando muitas vezes o aluno não tem ainda condições de escolher, em definitivo, uma carreira básica. Margaret Mead atribuía os desajustes da educação à insistência em ditar ao aluno o que pensar — e não como pensar. O projeto do MEC parece querer programar o aluno.

O PROJETO DO MEC PARECE QUERER PROGRAMAR O ALUNO
